

O nosso passeio não foi pois infructifero. Oxalá que as excavações projectadas ponham a descoberto nos Castellejos outros elementos de estudo.

E aqui dou por terminada a descrição da viagem a Alcacer-do-Sal: dois dias e meio, cheios, sim, de fadiga, mas aproveitados. Regressei a Lisboa, em 10 de Dezembro, com o Sr. Maximiano Apollinario.

Não concluirei como as notícias dos bailes, dadas pelos jornaes, dizendo que trouxe de Alcacer gratas recordações: confessar isso, depois do que deixo escrito, seria realmente superfluo!

J. L. DE V.

Curso de archeologia



A proposito da noticia dada no numero 1.º d-*O Archeologo*, relativamente ao estudo da archeologia nos seminarios, devo ministrar aos leitores os seguintes esclarecimentos:

Desde que, em 1881, vim dirigir este Seminario, e reger a cadeira de «Theologia fundamental», tomei a peito o *argumento archeologico* no estudo d'esta sciencia. Dei largo desenvolvimento ao estudo da *Prehistoria*, enriquecendo, como podia, esta ordem de noções paloethnologicas com umas luzes de Anthropologia; não ficando nenhuns dos meus alumnos sem saber o que são pontos craniometricos, respectivos diametros e medidas, etc.

Posteriormente introduzi, como additamento á cadeira de Mathematica, tambem de minha regencia, umas noções de *Architectura classica das cinco ordens*, e uns rudimentos de *Archeologia historica*, sacra e profana.

É isto o que ainda actualmente se faz; de sorte que, se não temos no Seminario uma cadeira especial, para estes interessantes estudos, nem por isso elles deixam de se fazer, e a preceito.

Mais accresce que uso tomar como meu ajudante no Museu Municipal a meu cargo, um ou outro seminarista: e todos elles conhecem o que as cousas valem, pois lhes são explicadas, antes de ellas se recolherem naquelle archivo.

Incidentemente accrescentarei que tambem me tenho prestado, ha já uns bons annos, a instruir no grego e no hebraico os meus alumnos

de Theologia, — tão convencido estou eu de que o padre muito precisa de umas noções de Archeologia e do estudo d'estas linguas classicas.

Aqui ficam manifestados os meus bons desejos de me ir lealmente desempenhando do espinhoso encargo que sobre mim pesa.

Monsenhor Conego — PEREIRA BOTO

vice-reitor do Seminario Episcopal de S. José, em Faro.

Notícias archeologicas de Tras-os-Montes

O «Castello» de S. Thomé

Junto de uma fraga, a mais alta de toda a serra do Cabreiro, a que chamam — *O Castello*, e que parece ter dado o nome áquella freguesia de S. Thomé do Castello, póde ainda ver-se a raiz das muralhas de um grande castro luso-romano, a poente da mesma fraga, dominando de perto aquella freguesia e a de Villarinho da Samardã.

Esta muralha rectangular abrangerá uma área, talvez de mais de mil e quinhentos metros quadrados. Vêem-se ainda distinctamente os restos d'ella a poente, norte e sul, indo perder-se a nascente na raiz da fraga.

Do lado do sul, numa solução de continuidade na muralha, vê-se bem distincto o lugar onde era a porta d'aquelle castro, entre duas grossas paredes de boa construcção romana, ainda perfectas. Lá se encontra ainda, no chão, a grande padieira da porta, que terá de comprido talvez tres metros, por oitenta centimetros de largo e quarenta de espessura. Do lado de baixo está muito bem lavrada, tendo tres buracos ou covinhas circulares, uma ao centro e duas proximo ás extremidades, todas tres ornamentadas com semicirculos equidistantes, pouco mais ou menos assim:



Seria o buraco ou covinha do centro para a columna, de madeira, ferro ou pedra, a que chamam *batente* das portas, e as das extremidades para as portas chamadas de *coucinho*, em vez de dobradiças, como ainda se observam por aquellas aldeias?

Esta padieira ainda ha poucos annos foi deslocada do lugar em que estava por uns exploradores de thesouros na noite de São João.